

# UMA PERSIANA NA JANELA

ADOLFO CASTELBRANCO OLIVEIRA

## NOTA DE CONDOLÊNCIAS!

Olhei o calendário. Marcava o ano de dois mil e nove, ia fazer cinquenta e seis anos de idade, e sentia-me particularmente agastado. Estava em casa sentado em frente do computador quando repentinamente recebi uma chamada no Skype.

– Olá «Índio»!

– Olá «linda»!

Era Marta – falara-lhe da história que me propusera escrever...

– Pensei no livro e tu não consegues escrever essa história  
– vais encontrar conflitos raciais pelo caminho, situações incontroláveis, rejeições por parte da tua família.

– Óó... claro que vou...!

– Querido, custa-me dizer-to, mas vais magoar-te, vais sofrer  
– é uma história, um conto, mas envolve a morte da tua mãe.

– Vou escrevê-lo! A mãe é minha, “mato-a” as vezes que quiser.

Naquele momento Marta deveria ter escutado um grito de dor, uma revolta calada, um sentimento sofrido com mais de meio

século – e ficou em silêncio.

Tinham-me matado a mãe de verdade. Não pediram desculpa nem apresentaram condolências – nunca investigaram as causas da morte mesmo que por tétano; nunca fora aberto um inquérito nem constituíram arguidos.

Desabafei.

– Vou pedir uma indemnização ao Governo Português por ter permitido que um “medicozeco”, a troco de uma vida, não quisesse que se soubesse que a parturiente fora infectada com a bactéria do tétano só para protegerem a imagem daquela “loja de saúde”

– Estás louco... indemnização!

Fez-se silêncio. Olhei para a cara dela – tinha o sobrolho franzido, os olhos acerados, os maxilares enrijecidos, mas não tinha tétano.

– Não estou não – só quero um euro de indemnização.

– És louco... varrido de todo!!!

– Sou, meu amor, sou um pouco “misto na cor e na loucura”  
– um euro dentro de um envelope acompanhado de uma nota de condolências...

No momento em que deixava ver enclausurada a dor de uma morte prematura que me consumira durante mais de meio século, julguei ouvir da parte dela que a “estrela deixara de brilhar”, morrera!

Melhor do que ninguém, Marta sabia que eu tinha uma estrela que queria brilhante, e nunca chegara a ver... nem num simples olhar.

## PREÇOS GRATUITOS

Maria do Carmo, «Carmito» como lhe chamavam as amigas, acabara os estudos desse período. Conceição, “Ceixa”, uma das irmãs, mais velha que ela, já se encontrava a estagiar como secretária numa instituição não-governamental.

Lurdes, a mais velha das três irmãs, casara cedo, logo após a morte dos pais, e não tinha filhos (algo que sempre me intrigou); parecia não ser muito chegada às irmãs, e talvez esse facto se devesse à diferença de idade. Já ultrapassara os trinta e cinco anos. Eventualmente não era filha dos mesmos pais (uma dúvida que ainda hoje subsiste no meu íntimo. Pecado meu. Vi-a duas vezes em toda a minha vida; a primeira, num aniversário, a segunda já não me recorda o motivo nem o tempo). Ao contrário desta, muito clara de pele e cabelos alourados, Conceição era tipicamente mestiça, escura de pele, mas de feições mais correctas que a irmã mais velha. De todas era a mais alta e estava para a Maria do Carmo como o sal está para a água do mar.

[Ceixa gostava muito de mim, via-a com frequência até ao

dia que o sofrimento lhe bateu à porta; não sei porque desapareceu da minha vida, ou se fui eu que me afastei arrastado pela loucura da juventude na febrática ânsia de viver casado com o meu egoísmo]

Constava que o falecido pai delas era jornalista. O conhecimento entre Maria do Carmo e Manuel, e posterior namoro, talvez surgisse por intermédio de José, o irmão mais velho deste, também jornalista de profissão – acumulava a função de redactor e tradutor num jornal da capital. Ou talvez não fosse por essa razão que «Carmito e Lei» se envolveram, mas sim por obra do acaso – mas que para o caso também não tem influência, nem prejudicava a relação entre os namorados.

O “Gordo”, assim lhe chamavam os irmãos e os amigos mais chegados, tinha mais oito anos que Manuel, o benjamim. Eram muito amigos, sentimento que partilhavam com o outro irmão, Ernâni, e as únicas duas irmãs, Alcina e Maria do Céu – estes últimos três já casados e com filhos.

Carmo estava apaixonada em consciência desde os dezassete anos, mas só começara o namoro no início dos dezanove; sentia-se segura do relacionamento, queria estar com o noivo, não pretendia fazer-se velha para casar, nem esperar muito mais tempo. Dentro de dois anos entrava em estágio, e como Manuel já estava com a vida praticamente definida, podiam casar.

Seria feliz, estava segura, e vivia presenteando a alegria, mantendo o espírito em movimento. Fazia anos em Janeiro e queria casar no dia do seu vigésimo aniversário. Depois de casada poderia abrir “a sua fábrica de roupas para criança”, uma linha de corte e costura, um sonho enraizado na infância que guardara, e que só o desvendara depois do noivado.

Era uma mulher muito sensível, apaixonada pelas crianças e transportando no coração a amargura de as ver desnudas e

descalças. Não aceitava que “aquelas” crianças negras fossem tratadas como se não fossem filhos de Deus – imperdoável num país multirracial.

Desejava ter um filho no primeiro ano de casamento e sobrava a vontade de o ver brincar com as outras crianças, sem a barreira da cor, do dinheiro, do status social a que eram votados os filhos das lavadeiras e dos trabalhadores quase escravizados. Eles tinham que se sentar nos bancos da mesma escola que os seus filhos.

Contava com uma ajudinha incondicional do futuro cunhado para que o casamento se realizasse o mais depressa possível – o Gordo, que a tratava como se ela fosse de porcelana, daria uma força. Manuel ouvia o irmão mais velho, e este também achava que o melhor para ele seria casar e arrumar.

Se o seu projecto fosse para a frente a mana “Ceixa” ficaria encarregue de tudo o que dissesse respeito a encomendas. Não a deixaria para trás – ela que sempre fora um suporte, e em alguns momentos tomara o lugar da falecida mãe. A diferença de idades era pequena, mas mesmo assim colmatara aquela falha.

Dali para a frente restava não claudicar no resto dos estudos e que “Lei” conseguisse reestruturar a “Firma”.

---

Manuel viajara para Portugal em gozo de férias mas não tardaria em regressar. Mesmo sem ele, as suas grandes amigas, Ivethe e Guima, seriam o garante de tempos bem passados – e depois a praia, a calma, a ânsia, e o desejo de o voltar a ver davam-lhe forças para começar a projectar o futuro, arquitectar a vivenda dos seus sonhos.

No fundo Carmito era uma “menina” afável, amenamente

alegre, calma e devota, confessada e comungada – gostava das pessoas mas não engolira muito bem uma dedicatória de Raquel (“ao amiguinho Manuel para que nunca se esqueça desta tão boa amiga, recordações”). «Aquela falsa é o demónio em saias que atenta o sério do meu amado».

O escrito na foto estava-lhe atravessado qual espinho na garganta. Mesmo que as pessoas repisassem que não era nada, não havia problemas, eles eram só “muito” amigos, “ela era uma amiga da onça”. Hum... demasiadamente evidente que aquela dedicatória ultrapassava o sentido da amizade – era quase como uma declaração de “necessidade amorosa”.

Tinha “aquele escrito” guardado na gaveta do ciúme, naquele sítio que ninguém sabe muito bem onde fica, porque existe, e para que serve. Não havia razões para ser ciumenta, o noivo nunca lhe dera motivos para desconfianças, mas que Raquel era o que se podia considerar um “espanto de mulher”, não havia dúvidas, crescendo para o arrepio de pele e o temor do corpo, o facto de o irmão da “sonsa” ser unha com carne com o Manuel, e este também ser um homem bonito.

Mas ela, “Carmito”, chegara primeiro, e o sentimento de posse era mais forte que a racionalidade existente na relação, atormentada pelas viagens do namorado.

Uma coisa que não gostava eram as idas ao sul de Angola, e muito menos de avioneta; temia sempre o pior em cada saída. No fundo era “affectivodependente” e ao mesmo tempo “intempestivamente protectora”.

Pela primeira vez desde o início do namoro estava sem ele por período tão alargado, facto que em determinados momentos a deixava triste – barra pesada que a irmã tinha de segurar, e segurava.

– “Ceíça”, sei lá com quem anda lá pela metrópole!

– E se te deixasses de “ciumaria” de menininha!

E o raio daquela foto também a lançara na dúvida – em Portugal, andaria no meio de mulheres jovens, bonitas, modernas? E se alguma o agarrasse? Ela era uma africana e perguntava-se se estaria em desvantagem! E se ele encontrasse uma antiga colega da escola da aldeia, ou decidisse ficar por lá... deixava arrastar o pensamento.

Não suportava a ideia de o perder depois de esperar tanto tempo pelo seu pedido de namoro. O sobressalto causado por este tipo de pensamento levava-a a ter de se socorrer da irmã. Precisava de ter a mente ocupada naqueles momentos e nos próximos tempos, e não pensar no pior – sabia da urgência de reencontrar a confiança e a alegria, no fundo, o equilíbrio.

– Ceíça! Queres ir à matiné? Está uma tarde de domingo fungosa e pelo menos assim passávamos parte do dia entretidas – íamos ao Nacional, ver O Dia em que a Terra Parou; é de Robert Wise; deve valer a pena – vá lá, faz-me companhia».

Conceição aturava muitas noites a irmã por causa do namorado, e adivinhava o que lhe ia na alma agora que ele estava na Europa, “esse” continente de onde vinham as revistas atoladas de belas e loiras mulheres, onde se produziam os filmes que criavam paraísos no imaginário das adolescentes.

Ela própria vivia um certo desconforto – sempre que chegava um navio, chegavam mulheres, novas caras para gáudio dos rapazes.

Sentia ser uma “peça conhecida”, uma mulher vista, uma novidade passada, mesmo que soubessem, e todos sabiam, que para além de nova, nunca tivera namoro.

Tinha espelho e não se comparava com aquelas “divas”, mesmo que vindas da parvónia, com pinturas a esbarratarem a cara escondendo os defeitos que Deus lhes oferecera à nascença.

Mas eram claras, rosadas, com um tom de pele onde as pinturas assentavam que nem uma luva.

Já experimentara algumas vezes borrar a fuça, mas a pintura não sobressaía na sua pele quase negra.

Olhou com estremado carinho para a irmã, fez-se mãe, colocou um ar austero, e respondeu sem olhar para que a “miúda” não visse o ar de troça.

– Só vou se prometeres não me chateares com a conversa do Jaime César.

Pelo canto do olho viu a cara da irmã quase suplicante, e continuou em lamúria...

– Ele não está interessado em mim e também não faz o meu género. Prefiro ser eu a escolher.

– Juro que não falo nele Ceiça.

“Carmito” queria à viva força que a irmã tentasse despertar o interesse de um dos grandes amigos do futuro marido, mas estava na cara que seria uma tarefa napoleónica.

Mais fácil fora dobrar o cabo Bojador, ou acreditar em Lara de “E Tudo o Vento Levou”.

– Fazes mal “Ceiça”, devias dar-me ouvidos, mas isso é lá contigo, desde que não me acuses depois de – «porque é que não me avisaste!» A partir de agora a minha boca fecha-se para sempre.

Como terminaria o seu curso em Gestão do Trabalho e de Organização, teria a irmã para supervisionar a linha de montagem das roupas para criança. Através do negócio manter-se-iam unidas, o que lhe daria tempo para ver a maneira de a tramar.

[Depois logo me encarrego do Jaime César; tem lá agora jeito ser Juiz de Paz. Mas que grande seca aturar os problemas matrimoniais dos outros, logo ele que nem casado era. Se ao menos andasse a arrastar a asa à mana comprava a ideia com

desconto, mas assim! Eu junto-os!]

Maria do Carmo não percebia, na sua ingenuidade de dezoito anos, como é que alguém de “vinte e sete” podia aconselhar num matrimónio de trinta anos de conflitos – ou decidir sobre um divórcio.

Se não compreendia o raciocínio de Zé, seu futuro cunhado, que tinha mais catorze anos que ela, como é que alguém se podia meter na pele de uma pessoa com trinta anos de diferença! Alguma coisa estava errada mas não era ela que mandava – desde que a casassem...

– Que vou vestir as crianças de Angola vou, e criarei uma linha especial para os pobres, com “preços gratuitos” para as que forem declaradamente órfãs – está a ouvir, senhora minha irmã?

Continuou a divagar.

– O governo vai ajudar dando dinheiro para o que quero fazer – podes escrever o que te digo.

Paciência era o que não faltava a Conceição.

– É melhor guardares esses sonhos para ti, “Carmito” e sobretudo não os contes ao Manuel, ou ele ainda se arrepende e não casa.

– Porquê? Não achas que é viável? Eles ajudam tanto negócio esquisito que não vejo impedimentos a apoiarem-me; é uma causa humana – é para vestir os meninos! Não casa por isso? – Não, menina, não é disso que falo. Ele não casa porque vai começar a pensar que a futura mulher endoideceu antes do tempo – és mesmo ingénua, pensar em apoios do Estado.

Abanou a cabeça e deixou escapar...

– Eles só dão dinheiro aos amigos – vais ter de ir ao Banco Ultramarino e para isso o Manuel vai ter de avalizar.

– E avaliza, ou então não engravido e se quiser filhos vai ter de agarrar um desses negrinhos que andam aí na rua, meio

vestidos, meio nus!

Dito isto, dirige-se à porta enquanto a irmã ria do seu próprio pensamento – «Se lhe avaria a caixa dos parafusos é menina para pôr a faca ao peito do meu futuro cunhado!».

A campainha da porta tocara; era Iveth, que combinara passar lá por casa para uma tarde de domingo “without stress”.

Prepararam-se para sair deixando enclausuradas na sala as gargalhadas da recém-chegada, depois de esta picar a amiga com um “a Raquel Ribeirinho vai lá ter connosco!”

Era amiga do peito de Carmito e de Raquel, e gozava que nem uma “cabinda” com a amiga por causa da “outra”. Sabia de fonte segura, quase familiar, que não havia nada a apontar a Raquel, não fosse ela, Ive, uma das que andava a ver se o irmão daquela despertava para o negócio de saias.

Gostava do Ribeirinho e por isso estava sempre de “conversa” com a irmã deste, amiga íntima, e fartinha de tentar convencer Maria do Carmo que podia e devia estar descansada sobre qualquer envolvimento entre Raquel e Manuel – mas como ela continuava de pé atrás não perdia a oportunidade de a xingar, o que lhe dava uma alegria extra.

Luanda estava quente, a humidade baixara.

Cinema sem ar condicionado e um “pirolito” no intervalo era ótimo – depois o regresso ao cair do pano para presenciar o pôr-do-sol junto à praia seria espectáculo indescritível.

Iveth levara o carro do irmão mais velho, e decidiram que no final da sessão dariam um salto à praia que ficava em frente à Floresta. Tinham muito tempo até à hora da janta.

Conceição alinhava nas brincadeiras delas, mas na hora dos compromissos gostava de dar “aulas de bom comportamento à irmã”, e por isso deixou claro que só contariam com a sua

companhia para a sessão de cinema.

– Não posso jantar, meninas, tenho um compromisso acertado com Lurdes, e a “loiraça” põe-me a pão e laranja se falto, por isso pedes ao teu pai que leve a Carmito. Agora deixa-me na «Versalhes» – não se esqueçam das horas nem se metam em correrias.

– Eu levo-a, não vou incomodar o meu pai às onze da noite!

– Nem te passe pela cabeça apareceres sem o senhor Lopes!

– Beijos meninas...

– Generala, com esse feitio ficas para tia.

Iveth também era amiga de Conceição, e já confidenciara à irmã desta que ela era tão esquisita nos gostos e reservada na vida que dificilmente encontraria alguém que a quisesse.

Presumivelmente era uma mulher de ideias fixas e não alinhava em namoricos de ocasião; deixara-o perceber a dois rapazolas de Benguela, que com ela, primeiro tinha que gostar, depois o resto só de papel passado e certidão do notário, e quem passava essas certidões era o Jaime César.

– Não tenhas dúvidas, Carmito, a tua irmã não casa, e vais ver que ainda se enrola com um palhaço qualquer que lhe faz um filho e se põe n’alhetas.

Não discordava da amiga, mas a indecisão da irmã deixava-a triste, mais triste que saber que a Raquel se podia insinuar ao seu namorado.

– Que posso fazer Ive, ela nem sequer repara no César, que para além de ser um homem recatado e elegantíssimo, é amigo do Manuel – desconfio que tem um fraco pelo “Gordo”, mas bem pode esperar sentada.

– Nunca se sabe, se o irmão puxar por ele! – Eles são muito chegados, e basta ver que ainda estão os dois na casa dos pais por isso conversa sobre mulheres não falta entre aqueles dois!

– Estás louca. O Lei não é homem para se meter nessa jogada nem o Zé lho admitia.

Fez uma pausa, respirou, e lá confidenciou à amiga.

– Sabes que eu sou jarra de porcelana para Zé Gordo, e digo-te que ele não vai casar – nem com a Ceixa nem com tipa nenhuma – é um mulherengo dos diabos, e acho que tem uma “sonsa qualquer” com quem negoceia alguns prazeres. Não sei porquê mas deve ser casada, pelo sigilo que vai naquela cabeça...

Fez uma pausa, dando a entender ser uma profunda conhecedora dos segredos de alcova, antes de continuar...

– Lembras-te de um casal esquisito que vive perto da casa do irmão do meio, no primeiro prédio do início da avenida do aeroporto?

– Sim, tenho ideia...

– Flávio, “o magricelas”, filho do dono da mercearia perto da escola, já viu o “menino” sair desses prédios, e que eu saiba, o jornal não tem “morada nessa freguesia”.

– É uma de cabelos negros, grandes pinturas, que anda sempre a rabear as ancas? Para mim pinta o pêlo, mas essa é mais velha que ele!

– Essa mesma; não é mais velha, não, mas a minha futura sogra anda consumida por causa do que corre por aí, e não vale a pena falar em boato – não diz nada mas deve achar indecoroso o filho “meter-se com uma mulher casada” e isso nota-se pela cara quando se fala do casal.

Não sei o que pensa a “Alci”, a que casou com o CM, mas também não deve achar muita piada.

Depois de largarem Ceixa foram até à Ilha soltar um pouco a língua e apreciar o mar na contracosta da praia da Floresta. Depois deram uma volta pela Marginal, sentaram-se a saborear

a brisa e a agarrar salpicos das calmas águas da baía de Luanda.

Nas suas costas passava esporadicamente o machimbombo quase vazio. Não havia nenhum jogo de futebol nos Coqueiros, por isso o sossego era a tónica dominante.

Jantaram em casa de Iveth, e ao final da noite, mister Lopes prestou-se para levar Maria do Carmo a casa – a filha bem tentou que fosse ela sozinha, mas o pai não alinhou na jogada.

– Olha, menina, no meu carro não vais, de Lambretta não te deixo sair, o teu irmão já não está, “o “amanhã” vem depois do hoje e para que não te faça cócegas “aquele” ainda não chegou.

M. Lopes era tudo menos parvo, e sabia muito bem que a filha queria dar um giro até casa do “Anterinho”. «Amanhã tem tempo, agora são horas de fechar o atelier – onde vai parar esta juventude se um pai não se impõe».

Assim pensava, e ele é que era o chefe de família. Pensava mas não dizia para não infligir pena severa à filha em frente da amiga nem melindrar Carmo.

Era um homem de cultura austera, apesar de compreender a libertinagem de outras paragens, de outras culturas; as meninas deviam saber comportar-se e horas de recolher eram horas sagradas.

Não estava para dissabores ou arrependimentos, e não havia guarda-nocturno antes da meia-noite.

Os rapazes tinham mais liberdade, mas mesmo assim as educações com regras familiares continuavam a dar bons resultados. A confiança desmesurada nos filhos seria um passaporte para a insurreição e libertinagem – difícil de controlar, pensava “mister” Lopes.

Os tempos eram de mudança mas a “família ML” enquanto pudesse não faria acordos com a dona sem-vergonhice, que se adivinhava como inquilina certa dos tempos modernos.



“

Tinha o olhar prendido  
nas sombras em movimento,  
mas nunca chegou a ver o andar de Carmo.

Numa viagem sem pensar o fim,  
sem nunca olhar atrás o princípio,  
escrever esta singela história não foi difícil.

Revê-la... foi devastador,  
um destroçar da alma,  
uma epopeia de dor.

- citação do autor -

”